

## CAPÍTULO VI - O DISCURSO DA NEGRITUDE EM VENCIDOS E DEGENERADOS: UM DISCURSO TESTEMUNHO-DOCUMENTAL PARATÓPICO

*Na verdade, os mundos ficcionais são parasitas do mundo real, porém são com efeito “pequenos mundos” que delimitam a maior parte de nossa competência do real e permitem que nos concentremos no mundo finito...*  
Umberto Eco<sup>94</sup>

Iniciamos nosso texto com a epígrafe de Umberto Eco que questiona a relação entre realidade e ficção como parasitária. Em sua obra *Seis Passeios pelos Bosques da Ficção* utiliza a metáfora do “bosque” para tratar das diferentes dimensões que envolvem as obras de ficção. Retoma a relação autor-ideal x leitor-ideal e, em dado momento, no capítulo intitulado “Bosques Possíveis”, relata que um de seus leitores, ao ler sua obra *Pêndulo de Foucault*, quase numa neurose branda, pesquisou todos os jornais de 24 de junho de 1984, data em que se passa a narrativa e descobriu que ocorrera um incêndio não mencionado no texto e escrevera para o autor questionando-o. Eco respondeu à carta com uma brincadeira, dizendo que o protagonista não quis mencionar o fogo por alguma questão misteriosa. De certo modo, como autor, ele reforça o mistério de sua obra. Eco evidencia que, ao adentrarmos no mundo da ficção, assinamos um pacto contratual com o autor para acreditarmos nesse mundo ficcional e em sua relação com o real.

Conforme tratamos no capítulo III, há, na literatura, essa necessidade exposta por Eco (2012) de buscar a verossimilhança por meio do que ele vai chamar de “protocolos ficcionais”, pois “pode-se procurar congruência entre os tempos da história, do discurso e da leitura por motivos que pouco têm a ver com arte”. (ECO,2012: 66)

Essa congruência, entretanto, surge naturalmente quando a obra se relaciona com o leitor e com sua realidade social, cultural, econômica, política ou histórica, mas se mantém por meio do discurso, por meio dos contratos genéricos. Por isso, o próprio Eco (2012:41) assume que, no plano semiótico, “a história é transmitida por um discurso narrativo” e, como tal, pode ser traduzida em outros sistemas semióticos por meio do reconto, reescrita ou transposição genérica. E utiliza o seguinte esquema:

---

94 In: ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**. São Paulo: Companhia da Letras, 2012, p. 91.

**Figura 12 – Esquema adaptado de Eco (2012:41)**

A complexidade dessas relações, claro, não é de fácil assimilação, mas consideramos que tampouco são lineares desse modo. O plano discursivo dá conta de explicar essas relações semânticas, abarca de forma espiral e descontínua os demais elementos. Assim, discursivamente, os *topoi* incluiriam Texto/Contexto, História/Enredo e Expressão/Discurso, bem como o lugar das práticas discursivas, sua narratividade, historicidade e os *paratopoi* que emanam e estão presentes nas condições sócio-históricas de produção. Todas essas possibilidades de análise formam o que chamamos de multiverso discursivo, lembrando o que dissemos nos capítulos anteriores e unindo esses princípios, temos:

**Figura 13 - Esquema Multiverso discursivo**

É nessa perspectiva que os discursos se sobrepõem à relação ficção e realidade, porque sua ligação com as práticas sociais e ideológicas são inerentes, pois

*o discurso vive fora de si mesmo, na sua orientação viva sobre seu objeto: se nos desviarmos completamente desta orientação, então, sobrarão em nossos braços seu cadáver nu a partir do qual nada saberemos, nem de sua posição social, nem de seu destino. Estudar o discurso em si mesmo, ignorar a sua orientação, externa, é algo tão absurdo como estudar o sofrimento psíquico fora da realidade a que está dirigido e pela qual ele é determinado.*  
(BACKTHIN, 2012:99)

Neste capítulo, procederemos à análise do *corpus* sem desconsiderar essa orientação externa que comprovará nossa tese de que *Vencidos e Degenerados* apresenta um *testemunho-documental paratópico*. Buscaremos identificar, por meio das práticas sociais discursivas e a partir de nossas delimitações dentro do multiverso discursivo, o *discurso da negritude*, o *ethos* do negro na sociedade maranhense do século XIX, o qual constrói uma *cena genérica* que se consubstancia em *manifesto* e *testemunho* estabelecido como argumento de valor histórico de forma *paratópica*. Apresentaremos a *paratopia testemunho-documental*, ampliando, assim, as categorias apontadas por Maingueneau (2010) e introduziremos uma possível nova forma de analisar um testemunho literário que foge dos moldes unicamente estilísticos ou unicamente focados na realidade de um sujeito-narrador da própria história, assumimos e ampliamos também

a visão de Bosi (1995)<sup>95</sup>, que defende o romance de testemunho como criação ficcional.

No primeiro momento, analisaremos as práticas discursivas direcionadas pela proposta do esquema abaixo, extraído do terceiro capítulo, aplicando-o ao *discurso da negritude* dos enunciados e das interrelações de *Vencidos e Degenerados*. No segundo momento, partiremos desses elementos tópicos e aplicaremos o esquema *paratópico* para comprovar que o *testemunho-documental de Vencidos e Degenerados* se dá de forma *paratópica*. Assumimos, assim, que a *paratopia* é o elemento que torna o enunciado testemunhal. Consideramos, ainda, a relação atópica que envolve o negro no processo enunciativo e histórico, em razão de sua exclusão social, promotora de racismos, arquétipos e preconceitos arraigados na memória coletiva brasileira, ainda que haja uma aparente negação.

**Figura 14 - Discurso da Negritude e Paratopia Testemunhal (Esquema II)**

ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD) E SEUS AUTORES				MULTIVERSO DISCURSIVO
PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS				
FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD) E SUAS REGRAS				
<i>Universo</i>	<i>Campo</i>		<i>Espaço</i>	
<i>Discursivo</i>	<i>Discursivo</i>		<i>Discursivo</i>	
<i>Objetos</i>	<i>Modalidades</i>	<i>Conceitos</i>	<i>Estratégias</i>	
PLANO DO ENUNCIADO/PLANO DO TEXTO				
<i>Cena englobante</i>	<i>Cena genérica</i>	<i>Cenografia</i>		
ETHOS EFETIVO + ETHOS DITO+ ETHOS MOSTRADO				
RELAÇÕES SEMÂNTICAS RESULTANTES – EQUEMA GENÉRICO				
PLANO PARATÓPICO				
Paratopia Testemunho-documental				
PROXÊMICA: IDENTIDADE E IDEOLOGIA				

## 6.1. Situação Comunicativa testemunhal: universo, campo e espaço discursivo em *Vencidos e Degenerados*

Dentro da perspectiva de multiverso discursivo, a *cena genérica* instituída pelo

<sup>95</sup> Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v9n23/v9n23a20.pdf>. Acesso em: 05 jan.2015. Neste artigo, Bosi defende a criação do testemunho ficcional.

romance é ainda o gênero discursivo, que, talvez, melhor o represente por sua heterogeneidade inerente e pelos contratos sociais múltiplos que estabelece e carrega em si diferentes possibilidades de usos da linguagem.

A *cena genérica*, quando estabelece um romance, forma uma unidade descontínua de comunicação, em que o contato entre o *literário* e o *não-literário* faz parte da característica que torna constituinte o discurso literário, conforme apresentamos nos capítulos I e II. “A narratividade é o princípio que organiza qualquer discurso” (GREIMAS e COUTÉS, 2008:330), e é ela associada às condições sócio-históricas de produção e à relação entre enunciador, coenunciador e co-enunciador que norteia possíveis unidades semânticas dentro dessa multiplicidade de possibilidades que esse gênero apresenta.

Vimos com Lukács (2000) que é a heterogeneidade que será responsável pela descontinuidade do romance que, contraditoriamente, é o fator gerador da unidade, seja por meio da subjetividade dos interlocutores, seja na realidade *a priori* que se sobrepõe à realidade. Por descontinuidade, entendemos o fato de que a narrativa pode apresentar-se de *n* formas no plano textual, todavia, será no plano discursivo e nos procedimentos de leitura que efetivamente se darão diferentes possibilidades de unidade da cena de enunciação por meio de relações semânticas globais.

Por definição, *Vencidos e Degenerados* apresenta como *cena genérica* o romance histórico-social, cuja narratividade presente nos enunciados organiza-se em torno da *abolição da escravidão e Proclamação da República*. O fato de apresentar essa *cena genérica* deveria dar conta de uma explicação para os estudos feitos na área de História e Sociologia considerarem as minúcias de sua narrativa social, cultural e histórica como verdadeiro testemunho da sociedade maranhense da época. Jean-Yves Mérien (*apud* MACHADO, 1982) considera o romance de alto teor criativo, cuja estrutura representa não somente os aspectos históricos, mas também sociológicos da sociedade maranhense.

As características estilísticas desse discurso literário permitem a construção da *cena genérica* romance histórico-social para *Vencidos e Degenerados* e não romance testemunhal, tal qual apregoa a crítica literária, mas discursivamente o testemunho se estabelece.

Os gêneros do discurso emergem da sociedade, e suas características estão atreladas à sua função social; a *cena genérica* surge pela necessidade social de *narrativizar* a realidade e apresenta características histórico-sociais. O discurso literário busca, por meio dessa narrativização, imprimir aspectos *miméticos* próprios da verossimilhança literária, mas não o converte imediatamente em registro de uma dada realidade, porque será no processo de adesão a esse discurso que esse discurso poderá, ou não, converter-se em elemento aproximativo de uma dada realidade.

Como vimos no cap.IV, a *cena genérica* romance de testemunho surge socialmente como um gênero que une, de certo modo, a literatura a catástrofes, a experiên-

cias traumáticas ou violentas, imprime a necessidade de expor à memória, revisitar fatos e registrá-los na memória coletiva. O testemunho, como gênero do discurso literário, gera controvérsias com relação à sua análise, justamente por coadunar realidade e ficção, a partir de uma perspectiva subjetiva.

É na cisão entre o que é testemunhal e o que se configura ficcional, já estabelecida na análise de outros gêneros, como os romances históricos, que o discurso comporia uma terceira dimensão ou uma dimensão paralela que perpassaria *o dizer e o relato*.

Embora seja utilizado socialmente como testemunho, o enunciado de *Vencidos e Degenerados* não segue, no plano textual, as características estilísticas da literatura de *Testemunho* (Cf. cap. III), porque não se trata de um testemunho em primeira pessoa, em que o enunciador divide, de forma direta, uma experiência vivida pessoalmente a partir do real. A narratividade, a partir do ficcional, entretanto, deveria dar conta disso, como ocorre em *Memórias do Cárcere*, conforme as premissas de Bosi (1995), porém, isso não acontece, porque o enunciador que relata não assume seu enunciado como testemunho e não o escreve como se assim o fosse. Mesmo assim, historiadores locais e nacionais tomam o enunciado como testemunho das agruras sofridas pelo negro e como documento histórico.

O enunciado no plano textual não serve para explicar o porquê de estudos históricos serem feitos a partir de sua narrativa, não somente como representação de uma realidade, mas também como (cor)relato de uma realidade histórica ou, até mesmo, como registro histórico. Logo, é no plano discursivo, que se explicam essas correlações, por isso, defendemos que o testemunho ocorre de forma paratópica.

Nascimento Moraes, por sua carreira jornalística em defesa dos direitos da população e do negro e por sua história de vida, (Cf. cap. II) cria *um ethos* social que valida de forma paratópica seu discurso, tornando-o testemunho-documental. Ao mesmo tempo, a atitude discursiva reacionária que se observa na *cena genérica*, na *englobante*, na *cenografia* e também na paratopia é o que assinala a presença do *discurso da negritude*, como atitude discursiva atemporal. É essa paratopia e a presença desse *discurso da negritude* que pretendemos comprovar com esta análise.

Diante do que foi exposto, temos, como *cena genérica*, o romance histórico-social. A *cenografia* construída é de manifesto, que é corroborada no discurso de alguns enunciadores como Olivier, Cláudio e Prof. Bento<sup>96</sup> na constituição da *cena de enunciação* e na interdiscursividade apresentada no decorrer do plano narrativo. Essa interdiscursividade se dá na medida em que o pleito apresentado entre o discurso *do dominador e do dominado* é atravessado por outros discursos como o abolicionista, o monarquista, o republicano e outros.

---

<sup>96</sup> Olivier é um árduo defensor da abolição e de causas sociais, a cena denota que era um ativista político e um jornalista respeitado (primeira parte da cena englobante), Cláudio herda essa sua característica (segunda parte da cena englobante) e Prof. Bento, preceptor de ambos, não somente defende o mesmo posicionamento como escreve em prol da igualdade social.

A *cena englobante* é a de constituição social-republicana, envolve interações entre dominados e dominadores antes, durante e pós- abolição. Nela, a precisão de detalhes sociais, culturais e históricos ocorre, por meio de diferentes posicionamentos ideológicos na sociedade, e, por conseguinte, diferentes *formações discursivas*, que representam um testemunho, explorado documentalmente, ratificado na *paratopia testemunho-documental*.

Os dispositivos que se constroem nas relações semânticas da situação comunicativa para a composição da encenação genérica estão centrados nas atitudes dos enunciadores. São os sujeitos do discurso que definirão, por meio de seu posicionamento, a *cena genérica*, a *cenografia* e a *cena englobante*. Retomando esses dispositivos, extraídos de Maingueneau (2010:207) e Charaudeau (2006), temos o seguinte quadro já exposto nos capítulos anteriores.

### **Quadro XXII – Situação comunicativa**

PLANO DO ENUNCIADO ELEMENTAR	Situação de enunciação	Situação de locução
	Enunciador/coenunciador Não-pessoa	Locutor/alocutário – influência do locutor para conseguir a adesão do interlocutor; Delocutor – posicionamento sobre outrem; Elocução – discurso do locutor consigo mesmo
PLANO DO TEXTO	Situação de discurso	
	Ponto de Vista Externo	Ponto de Vista interno Cena de enunciação
	Situação de Comunicação	Cena englobante Cena genérica Cenografia

**Adaptado de Maingueneau (2010:207) e Charaudeau (2006)**

Aplicando tais conceitos ao discurso de *Vencidos e Degenerados* temos:

**Quadro XXIII – Análise de Vencidos e Degenerados.**

	Situação de enunciação	Situação de locução
<p>PLANO DO ENUNCIADO ELEMENTAR</p>	<p><i>Enunciador&gt;coenunciador</i></p> <p>O <b>enunciador</b> é o negro que se posiciona sobre sua situação e a situação dos demais, ora satisfeito ,ora indignado com sua situação social, expõe sua voz em diferentes posições sociais;</p> <p>Os <b>coenunciadores</b> são o negro e o branco também em diferentes papéis sociais (o burguês, o aristocrata, o intelectual, o comerciante, a lavadeira, o sapateiro, o ex-feitor e outros)</p>	<p>Locutor&gt;alocutário –</p> <p>O locutor é o negro, quase sempre identificado na figura do mulato como característica do branqueamento da época que influencia os interlocutores brancos e negros para conseguir sua adesão em nome dos direitos do povo maranhense;</p> <p>O Delocutor –</p> <p>A delocução é a estratégia que se observa com mais veemência em que o negro manifesta-se sobre a sociedade maranhense em geral. Inclui negros (libertos e já integrados socialmente) e brancos (em decadência e em ascensão). Esse mesmo delocutor manifesta-se sobre o governo, a abolição e a república.</p> <p>A Elocução ocorre em momentos de auto-crítica e tentativas frustradas de ascensão.</p>



PLANO DO TEXTO	Situação de discurso	
	<p><b>Ponto de Vista Externo</b></p> <p>Externamente, há a imagem do negro consciente, crítico e incluso socialmente, mas sofrido de preconceitos e racismos de forma aberta e velada. Há também há a imagem do negro subserviente, preguiçoso, fanfarrão, capoeirista, encenqueiro e libidinoso.</p> <p>Também há condições de produção que ainda se adapta historicamente às transformações sociais geradas pela abolição e pela República que levaram à decadência econômica de muitos setores ludovicenses.</p>	<p><b>Ponto de Vista interno</b></p> <p>Cena(s) de enunciação</p> <p>As cenas de enunciação constroem-se para corroborar o posicionamento de <i>manifesto e testemunho</i> da Abolição da escravidão, da República, das manifestações e transformações sociais. Constituiu-se, assim, um <i>ethos</i> da negritude revolucionária, um <i>ethos</i> do negro subjugado e um <i>ethos</i> do cidadão excluído.</p>
	<p><b>Situação de Comunicação</b></p> <p>As situações de comunicação iniciam durante os festejos da Abolição da escravidão de forma direta e indireta; seguem durante a reorganização social pré e pós-republicana, sempre em tom de manifesto, protesto e/ou externando assimilação ou indignação e é na ruptura entre o estabelecido pelo discurso do poder entre dominadores e dominados que se dá o <i>discurso da negritude</i>.</p>	<p><b>Cena englobante:</b> é a de organização social, política, econômica e histórica sobre hábitos, costumes, valores maranhenses antes, durante e pós abolição, refletem a relação entre dominados e dominantes na mudança das relações de trabalho e do <i>status quo</i>;</p> <p><b>Cena genérica:</b> romance histórico-social;</p> <p><b>Cenografia:</b> se dá em forma de manifesto e testemunho pelo tom e pela interdiscursividade. A cenografia também sustenta o elemento paratópico.</p>

**Adaptado de Maingueneau (2010:207) e Charaudeau (2006)**

Tal *situação de comunicação* permite analisar diferentes posicionamentos enunciativos do negro que compõem um *universo discursivo* político, que perpassam as ideologias expansionistas, iluministas e positivistas na sociedade maranhense em diferentes momentos.

Desse universo, é possível apreender domínios discursivos relacionados à escravidão, à abolição e à República, que, para efeitos de análise, serão chamados de *campos discursivos*. Desses campos, depreendemos *espaços discursivos* relacionados à inserção do negro nessa nova configuração social.<sup>97</sup>

Ainda que a voz dominante seja a do negro em sua inserção social, cabe ressaltar que as relações de poder seguem em mãos da aristocracia branca que resiste a essa configuração, ignorando-a ou aceitando-a apenas de forma aparente. Isso faz com que *os campos* sejam atravessados pelo discurso do *capital, do mercado, do trabalho, do racismo, da inclusão/exclusão e da negritude*.

A enunciação é um processo que engloba a descontinuidade do romance citada anteriormente, construída nos processos de locução e nas relações semânticas, justamente, por termos instaurados na *cena genérica* (romance), *enunciadores, coenunciadores e co-enunciadores*, que alternam papéis e posicionamentos no processo de interação. Tanto na enunciação, quanto nas estratégias de locução, esse movimento de alternância se mantém. Permanece sempre a relação *dominadores versus dominados* como eixo de construção da cena de enunciação.

O cenário se compõe em três etapas que sustentam a cena de enunciação: *a expectativa da abolição, o decreto, a queda do regime monárquico, a República e a decadência*.

➤ **Da expectativa da Abolição:**

**Quadro XXIV – Pré-abolicionismo [Recorte 1]**

1. [Os que lá se achavam naquela **gloriosa** manhã eram **pessoas de diversas classes sociais**, desde o funcionário público e o homem de letras até artistas, operários livres, não faltando vagabundos e desclassificados] (p.27)

2. [- **E quem** dormiu à noite passada? Nós não dormimos e **eles não dormiram**.

-**Eles?**...

- **Escravos e Senhores.**] (p.29)

3. [ **Os abolicionistas** estavam preparados para festejar **a grande e áurea lei**, salientando-se entre todos os preparativos, os do clube Artístico Maranhense, que eram caprichosos, sem igual. ](p.33)

4. [ **Da casa de Maranhense** ainda tinham de ir muitas dúzias de foguetes, de balões, pequenos **andores para os retratos, velas, alguns archotes e um retrato da Princesa Isabel**, já colocado num andor (...)] (p.34)

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

Os participantes do processo de enunciação desses cenários, citados como per-

sonagens no capítulo II, aqui considerados como locutores, são, em sua maioria, negros, mulatos, morenos e brancos engajados na causa abolicionista.

No processo de *delocução* reconhecemos que os interlocutores criam expectativas exageradas e idealizadas com relação ao processo de abolição e há ainda uma ingenuidade política com relação ao processo de libertação. Em [1], [3] e [4], a análise demonstra esse posicionamento não somente por meio do léxico “gloriosa”, “grande” e “áurea”, mas também pelo endeusamento da princesa Isabel, que ratifica uma atitude de dominação diante de um direito humano.

Em [1], percebemos o surgimento de um posicionamento perante à reorganização social, em que o locutor assume uma reconfiguração de “classes sociais. , Entretanto, as relações de poder mantêm-se e evidenciam-se em [3], [2] e [4], pois se compreende que somente “os abolicionistas festejam”, enquanto “eles”, “escravos” e “senhores” aguardam ansiosos com suas diferentes expectativas, ou seja, por um lado, há uma reconfiguração, por outro, estabelecem-se novas relações de poder entre um <nós> e um <eles>, que incluem “abolicionistas” de um lado e “escravos e senhores de outro”, sem romper totalmente com antigo *status quo*.

Nos termos destacados em [4], “Na casa de Maranhense”, os elementos , além de fazerem referência a José Maria Maranhense, abolicionista que cede a casa para os festejos, criam uma alegoria que pode significar que na casa de muitos maranhenses ainda não havia grandes festejos e insinuam também um percentual de alienação.

Do cenário discursivo, emana um processo de estratificação fortemente mantido pela relação ricos e pobres, dominadores e dominados. Essa idealização inicial da abolição aumentou as diferenças sociais, gerou um embranquecimento social como tentativa de resistência que originou o povo brasileiro e suas características sociais (conforme os estudos de Freyre (2004 e 2006), Holanda (1995), Florestan (1978, 2005-6, 2006e2008) e Ribeiro (1995)<sup>98</sup>, guardadas as devidas diferenças teóricas).

Nesse início, já é possível perceber um enunciador que busca imprimir uma identidade cultural, aparentemente, recoberto por ideologia e atitude conscientes, da qual depreendemos *um discurso da negritude* no deslocamento de saída de uma situação de subserviência para assumir-se como participante do movimento abolicionista. Contudo, , nesta fase inicial, o termo negritude apresenta-se ainda de maneira romantizada e idealizada, conforme as concepções dadas ao termo *negritude* por Munanga (2012), esse discurso oscila entre o *discurso da negritude dolorosa, agressiva, serena e vitoriosa*<sup>99</sup> como reação ao discurso vigente.

### ➤ **Da Declaração da Abolição:**

---

98 Cf. Cap. I

99 Cf. Quadro-Cap.I

**Quadro XXV – A abolição [Recorte 2]**

5. *[Eram cinco horas da tarde e a cidade fulgia de delírio, ardia na febre ruidosa e empolgante de sugestionadora alegria. Pelas ruas **cruzavam-se grupos de escravos, a gritar, loucos de satisfação; outros berravam obscenidades que, como pedradas, iam bater nas janelas dos escravocratas: insultos soezes, ofensas terríveis, contra a família dos ex-senhores que, temendo violências físicas, fechavam as portas, apenas acabavam de sair os últimos libertos.]***(p.35)

6. *[Momentos depois de proclamada a Lei, começou a divulgar-se a notícia de que **uma escrava**, ao passar pela Rua dos Afogados, **dera uma bofetada numa senhora** que estava à janela. **Esta senhora passara por amarga decepção: viu saírem, portas afora, sem um adeus, desvairados pela comção da notícia, todos os seus escravos.** Diziam que a conheciam que **era uma mulher má, sedenta de cruéis castigos**, e que se apontava, distinta, pela impiedade de sua cólera, pelo arrebatamento do gênio irascível e impensadas ações.]* (p.36)

7. *[Invadiu a tasca um magote de **mulheres arrebanhadas**, em desalinho, quase desvairadas, quase loucas do contentamento, **tocadas já de frequentes libações.**]* (p.38)

8. *[Não obstante, **alguns dos ex-senhores** não ficaram completamente abandonados porque **não eram maus.** Ao abrirem as portas, ao franquearem a saída aos de **há pouco escravos, ofereceram abrigo** aos que quisessem continuar na sua companhia. Muitos aceitaram os convites, **na maioria os velhos**, já inválidos para uma existência laboriosa, e **moças que eram crias de muita estima e algum conforto**, em geral **filhos de escravas e senhores moços.** Mais que os ricos, **sofreram, porém, os pobres que tinham escravos. Os pobres presumidos. Faziam economias, com prejuízo de alimentação, e ostentavam um pequeno cabedal de negros. Os escravos dos pobres sofriam as mais ridículas vexações porque o espírito pequenino dos senhores se deliciava em os ocupar a todo instante com as coisas mais insignificantes, bagatelas, que, à vista da falta de meios neles patentes, tomavam aspectos bem deslavados e grotescos.***

***Pertencer à primeira sociedade era possuir, pelo menos, duas ou três cabeças de negros.** Imagina-se facilmente desconsolo em que ficaram esses pequenos proprietários, quando se viram, num minuto, abandonados pelos escravos que eles tinham comprado à custa de mil sacrifícios e inúmeras necessidades, aqueles servidores que trabalhavam diariamente à chuva e ao sol expostos, e que lhes garantiam com o produto das energias gastas o pão de cada dia]* (p.37)

9. *[Agora, já não era grita, era uma **confusão dos diabos**: juntavam-se **infernamente ao motim batuques** incessantes, murmuradas valentes em cima do balcão (...)](p.38)*

10. *[Discutiam, praguejavam, gesticulavam e ninguém se entendia. Ouviam-se destacados, perdidos, na medonha e intensa algazarra, **nomes de crudelíssimos senhores de escravos, de feitos sangrentos e para logo se nomeavam alguns mansos e delicados**](p.39)*

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

As forças e as relações de poder ficam evidenciadas. Mais do que um embate entre *dominadores e dominados, escravos e ex-senhores, escravocratas e abolicionistas*, há um embate entre *ricos x pobres*, em que se destacam os papéis sociais como arma de dominação e poder, reforçada pela presença do “pobre presumido” [8] e [5]. Mantém-se o distanciamento <nós> <eles>, nós, os abolicionistas, estamos libertos, enquanto os escravocratas estão aprisionados em suas casas, escravos de seu medo. [8] e [10]

O *discurso da negritude* é silencioso e agressivo, ainda fruto das agressões sofridas em nome do poder [5] e [6] e diante do fato de terem sido tratados como animais “cabeças de negro” [10].

Em [8], percebemos nitidamente a representação simbólica do que Holanda (1995) chamou de “homem cordial”, aquele que vai se adaptando de forma pacata à situação em que a sociedade o coloca e permanece no âmago da configuração social brasileira por anos a fio. Notamos que, ainda que o enunciador evidencie a temática abolicionista, há um discurso reinante que se sobrepõe à atualização de seu posicionamento, uma vez que reproduz a aceitação do discurso vigente.

Tanto na descrição das interações e dos interlocutores, quanto na descrição do posicionamento, verificamos essa dominação, ao registrar que alguns escravos permaneceram com seus “ex-senhores”, porque “não eram maus” ofereciam “abrigo” e não trabalho ou uma nova possibilidade de inserção. O enunciador não apresenta ainda um posicionamento crítico com relação a isso, acata e reproduz o discurso dominante, assujeitando-se, pois, para a época,

*nenhuma ordem social seria tão perfeita, aos olhos dos senhores de escravo do século XIX, quanto à da sociedade escravocrata e*

*senhorial brasileira da época. Mesmo a escravidão era definida como um bem, que daria aos escravos conforto, segurança e freios morais. Os que se opuseram à escravidão pensavam exatamente o contrário e tinham em vista libertar especialmente o branco culto e abastado das peais produzidas pela escravidão.*  
(FERNANDES, 2006:191)

Nosso enunciador é esse opositor à escravidão que, mesmo assim, reproduz o discurso vigente sem perceber o quanto essas relações de poder interferirão no contexto decadente que presenciará. Os interlocutores, por sua vez, ainda estão sujeitos às práticas sociais da escravidão, recém-libertos, apenas usufruem desses momentos de liberdade, sem uma preocupação de ordem prática, um “motim”, uma “confusão” [9]. Fernandes (2006)<sup>100</sup> observa que a assimetria social tradicional e arcaica nas relações raciais entre os brasileiros é herança desse abolicionismo e dessa reorganização desordenada e confusa que perpetuou e fortaleceu arquétipos relacionados à imagem do negro na sociedade.

O negro é tido como “preguiçoso”, incapaz de ser absorvido e absolvido pelo mercado de trabalho, força essencial, torna-se um marginal, que, muitas vezes, para ser aceito socialmente, não aceita ainda sua negritude, assume-se somente como “moreno”, “mulato”, assimila trejeitos, vestimentas e ações dos brancos, ainda num assujeitamento ao discurso dominante. A posição da mulher negra é ainda pior: sempre associada à submissão e à sensualidade (sexualidade), sujeita a “frequentes libações”. [7]

Essas estratégias discursivas revelam como as relações escravocratas responsáveis pela formação da sociedade brasileira deixam muitos arquétipos como herança e denotam preconceitos que permanecem no inconsciente coletivo. Tanto a escrava quanto a senhora [6] e [7] são faces da mesma moeda, revelam o “ser mulher” numa sociedade patriarcal escravocrata. Dominadas e usadas de diferentes maneiras pela sociedade machista, ambas retribuem de forma sádica ao que a sociedade lhes oferecera.

*Resultado da ação persistente desse sadismo, de conquistador sobre conquistado, de senhor sobre escravo, parece-nos o fato, ligado naturalmente à circunstância econômica da nossa formação patriarcal, a mulher ser tantas vezes no Brasil vítima inerme do domínio ou do abuso do homem, criatura reprimida sexual e socialmente dentro da sombra do pai ou do marido. Não convém, entretanto, esquecer-se do sadismo da mulher, quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúme ou inveja sexual.* (FREYRE, 2006:114)

Após a abolição decretada, a reorganização social não ocorre exatamente como as expectativas iniciais pressupunham. Instaura-se um “não lugar”, o negro passa a ser uma figura presente-ausente dentro da realidade brasileira. Começa a delinear-se um

impossível lugar de cidadania e a falsa democracia racial. Marginalizado, para ocupar seu lugar nessa nova configuração social, o sujeito faz uso de máscaras sociais, máscaras brancas (FANON, 2008), acultura-se e segue preceitos impostos. A resistência é silenciosa. Dominados tornam-se dominadores.

O enunciador cria um espaço discursivo que forma parte do cenário com íntima relação com o espaço físico real, pois a rua dos Afogados existe em São Luís, assim, como os demais trajetos e espaços enunciativos em toda cena genérica, e os detalhes aproximativos da descrição estabelecem um caráter verossímil ao dizer, validando-o internamente e diminuindo o espaço entre o relato ficcional e o relato histórico, o enunciado carrega-se de marcas que lhe atribuem historicidade.

### ➤ Da mudança de regime

#### **Quadro XXVI – A República [Recorte 3]**

11. [ - **Este regime monárquico** – diz ele **em voz baixa**, grave – **se tem suas vantagens, tem também seus prejuízos e temo muito que estes sejam em maior número que aqueles.** ] (p.64)

12.[ - **Você me há de desculpar a franqueza: um dos seus irremediáveis prejuízos é a colônia portuguesa para nós maranhenses especialmente, Machado. Não me externaria assim, se a maior parte dos portugueses aqui residentes fossem como você.** (...)

- **Não há que duvidar. É porque você não anda enchafurdado nesta **politicagem** daqui; **se andasse, chegaria, como eu, à evidência de que o português sustenta com a sua bolsa muito desaforo que nesta terra se pratica e humildemente se presta a todos os seus caprichos. É um elemento certo e seguro com que os figurões contam para cometer arbitrariedades e torpezas.** (Olivier falando com Machado sobre os portugueses)] (p.65)**

13. [Porque os fatos nos têm demonstrado que **se novas forças se agitarem no organismo de nossa sociedade, nada teremos feito. Continuaremos indefinidamente neste estado de coisas, à espera de um cataclismo social. Quando se proclamou a liberdade dos escravos eu tinha a alma cheia de esperanças. Estava até certo ponto convencido de que nos bastaria dar um passo para atingirmos certo grau de prosperidade e começarmos a ser felizes. A Proclamação da República ainda mais esperanças me trouxe. Avigoraram-se-me as crenças e cheguei a sonhar com um Maranhão intelectualmente e moralmente livre, a ascender como um deus! Pois com tristeza lhe digo, bastou que transcorressem dois anos de vida republicana! Logo me persuadi de meu erro e exclamei, no desafogo de minha queixa ao **ruir das minhas ilusões**, como o querido Gonçalves Dias: - **Que me enganei, ora vejo!** ] (p.76)**

14. [...] *Eu esperava que depois do 13 de Maio, por que trabalhei tanto; depois do 15 de Novembro, com que me alegrei bastante: **esperava que houvesse uma renovação social.** Errônea ou acertadamente eu cuidava que a pública administração com luzes mais fortes e puras, tomasse outro caminho que não esse que **hoje nos infelicita.***

- *Mal cuidaste, bem compreendo. **Só se poderia dar semelhante transformação se os ex-escravos e seus filhos depressa aprendessem a ler e a escrever e muito cedo percebessem que a coisa é essa que se chama direito político.***

- *Mas é que **não abriram escolas ao povo**, não procuraram matar o analfabetismo, não foram verdadeiros republicanos os que se apossaram do poder..].(p.77)*

- *Também não vou por aí, pois vejo que **há vida e progresso em muitos Estados, onde se criam escolas noturnas, estabelecimentos importantes, como sejam institutos profissionais, nos quais gratuitamente se dá instrução ao povo.** O que tu deves registrar é que nós não tivemos elemento exterior para auxiliar-nos, não nos favoreceu uma imigração qualquer, de gente trabalhadora e inteligente, nem, ao menos, uma coloniazinha de meia-dúzia de holandeses diligentes, audazes e ativos. Continuamos com os mesmos hóspedes, os irmãos portugueses, que, filhos de uma cultura secundária, baldos de uma orientação apreciável, o que fazem é esse comércio de pequena bitola a que se acostumaram e que prejudicialmente ensinam aos filhos e aos caixeiros. ](p.77-8)*

15. [“De 13 de Maio para cá começo **o Maranhão a decair materialmente**, não por falta de braços como vulgarmente, erroneamente, se propala por aí de toda a região brasílica; que nunca nos faltou braço, nem os podia faltar num país que conta com dezoito milhões de habitantes, no mínimo de aproximação numérica. Começou a decair e, empobrecer, porque em grande parte não entendiam de lavoura e de criação os que acudiam aos honrosos qualificativos de lavradores, agricultores e fazenderios...” ](p.81)

16. [“**Terra perdida, onde o coronelato é uma instituição!**

**Terra perdida!]**

17. [O **partidarismo que começou a reinar desde 15 de Novembro de 1889, espedaçou-lhe o seio, corrompeu o caráter de seus filhos, converteu-os em escravos bajuladores”]**

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

A degradação social e a decadência econômica do Maranhão apontadas por Meireles (2012)<sup>101</sup> começam após a abolição e a adesão à República e são narrativizadas

101 Cf. Cap. I. Como comprovamos em estudos de Meireles (2012), o Maranhão só aderiu à República três anos após sua proclamação, fato que é narrativizado pelo enunciador.



na cena de enunciação. Assim, o cenário começa a compor uma nova *cena enunciativa* em que os embates político-sociais tornam-se registro e, discursivamente, funcionam como *testemunho* da situação em que se encontrava a população e *manifesto* em prol de mudanças.

Ao se instituir o tom de manifesto [15], antes sutil e agora veemente, o tipo de *discurso da negritude* que se apresenta é diferenciado daquele *doloroso, sereno, silencioso e vitorioso*. Constrói-se, assim, nova cenografia.

Os embates discursivos na alteração de regimes políticos não ocorrem somente entre ideologias diferentes, mas, principalmente, os embates são construídos a partir de expectativas frustradas com relação à reorganização social. O escravo liberto, sem oportunidades no mercado de trabalho e sem formação, altera as relações discursivas, levadas ao espaço das relações trabalhistas e dos papéis sociais. Trata-se de um embate de lugares sociais, ou seja, da burguesia/fidalguia/aristocracia *versus* trabalhadores comuns, em que o regime muda, mas a relação de poder se mantém.

Para apresentar e contrapor os regimes, o locutor já não é tão ousado quanto no período abolicionista. Fala em “voz baixa” [11], denota que seu “temor” e “os prejuízos” são ainda maiores, pois se subordina, aparentemente, ao silêncio imposto. Constrói seu argumento por meio de muitas condicionais “se” [11], [12], [13] e [14], num paralelismo entre o que está *posto* e um *dever* possível.

Nas estratégias delocutivas, as críticas feitas pelo enunciador com relação à situação social em que se encontram inferem e geram situações comunicativas, nas quais critica diretamente o sistema monárquico [11] e [12] e republicano [13] e [14]. À relação de interesses políticos gerada pelo português desde a colônia atribui o grande mal social [12] e a falta de interesse por parte das autoridades com relação à educação do negro e sua colocação no mercado de trabalho [14].

Por fim, assume a decadência do Estado e a atribui também ao partidarismo. Altera, mais uma vez, a voz dos interlocutores, desloca e amplia o sentido do termo “escravo”, antes escravizado mercantilmente e, agora, ideologicamente [15], [16] e [17], constatando que

(...) a sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista. (FERNANDES, 1978:20)

Essa situação, somada aos interesses locais do “coronelato” [16] que se fortalece e mantém o discurso dominante originário da abolição, faz crescer diferenças raciais, preconceitos e deturpa as relações trabalhistas. Entretanto, observamos que, ainda que de forma modalizada e condicional, a atitude de reação do enunciador, diante dessa

realidade, revela o verdadeiro sentimento da negritude presente nos Movimentos Negros atuais e, mais uma vez, o enunciado é validado por elementos históricos associados à realidade local.

➤ **Relações com o trabalho:**

**Quadro XXVII -O trabalho [Recorte 4]**

18. *[Sábado, duas horas da tarde. Nota-se algum movimento no bairro comercial, o qual não é característico de vida próspera e feliz, mas clara denúncia de **decadência e estagnação de elementos essenciais** à atividade do trabalho.](p.54)*

19. *[Trabalhar por vaidade é um fato que hoje **ninguém** contestar pode. Há muita gente que se emprega, que procura um lugar onde exercer possa sua atividade, não porque sinta vontade, predisposição orgânica para labutar pela vida; não é também porque o bom senso lhe tenha indicado o caminho do trabalho, como o mais amplo e brilhante, o único que dá lugar a que o homem chegue um dia a possuir o tesouro inesgotável de suas aspirações.*

*Não é por necessidade, nem por algum princípio de sã moral que lhe caísse na alma e germinasse, como a semente que cai no terreno fértil. Não é por isso, nem por aquilo: há quem trabalhe só por vaidade a que se vêm juntar algumas doses de pedantismo. É bom crer, para resolver muitas questões que parecem insolúveis, ou irredutíveis, que neste mundo há empáfia de tudo. **O indivíduo em geral chega aos dezesseis anos**, aproximadamente; percebe com alguma admiração que os homens trabalham, e não percebem mais cedo. Compreende e vê que os que trabalham são, em parte, recompensados; gastam e gozam de certas vantagens na sociedade; delicia-se com uma certa preferência enquanto desejam; e que há quem com eles desejam; e assim vendo e compreendendo, tendo ele pronunciada tendência para a vida que é mais material que de qualquer outra espécie, procura empregar-se conforme as suas tendências, no comércio ou no funcionalismo.*

*Esses homenzinhos passam pelos mais com arrogância e altivez, medindo-os com o olhar em riste, docemente embalados por um sonho que lhes levante na mente a importância pessoal: é que **eles se julgam patrões e pais de família a barafustar a existência (...)]** (pp.54-5)*

*O que ganham é pouquíssimo, se vivessem somente a suas expensas, não lhe daria o ordenado para pagar o domicílio e as refeições, mas com essa pequenina quantia luxam e com isso satisfazem um dos pontos do programa, procuram vestir-se como patrões, andar como eles, imitar-lhes as maneiras, seguir-lhes os hábitos.](p.56)*

20. *[Contudo, há os que trabalham por necessidade, os que são arrimos de seus pais, pelo menos os ajudam a viver, pobrezinhos, sem o alinhavo do confortável e do cômodo. Conhece-se, à primeira vista, pela fisionomia e pelo traje, pelo andar e pelos modos, nem se unem eles com os mais, para que se não sintam frequentemente humilhados no seu estado precário.*

*São estes os futuros guarda-livros, os empregados de escritório, os gerentes das grandes casas comerciais, porque, enquanto aqueles, deixando o serviço em que se distraem, correm folguedos, aos namoros e aos bailes, eles, os pobres e sacrificados que trabalham por necessidade, procuram habilitar-se nas aulas noturnas, onde estudam as matérias que são precisas para lhes preparar o espírito para os mais importantes postos de sua profissão.]* (pp.56-7)

21. *[Os que trabalham por vaidade pertencem, na sua maioria, às antigas famílias do Estado, ou às que delas descendem. Os necessitados são, na maior parte, oriundos do povo, pertencem às famílias pobres e desprotegidas que não se misturam com as que representam a fina flor da sociedade. Os que trabalham por fortuidade são, como os portugueses, mandados buscar nas vilas de Portugal, os futuros patrões, os diretores de Banco, os proprietários e capitalistas.]* (p.57)

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

O enunciador potencializa a decadência comercial e a relação social com o trabalho, demonstra a desigualdade social, a bipartição do sujeito (antes <nós> <eles>, agora se mantém em <aqueles> <eles> [19] e [20]) e articula as relações de poder. Ressalta a hegemonia burguesa que pode ser notada nas relações dos sujeitos com o trabalho. Mantém-se também a relação *dominador e dominado*, em que os modelos europeus de dominação se impõem, reiteram e validam o confronto entre ricos *versus* pobres, no qual o sistema beneficia o discurso do coronelato na relação patronal e na hegemonia burguesa [19] e [21], “que trabalha por vaidade” para manutenção do *status quo* em contraposição com a classe trabalhadora pobre que trabalha “por necessidade”. Ação que já preconiza a relação burguesia x proletariado, movida pelo capital, mas também para manter o papel social e as práticas discursivas, que possibilitam o posicionamento social.

Percebemos, aqui, um apagamento do negro como sujeito social. Abolicionistas, ex-escravos, ex-senhores, os anteriormente contestadores, resumem-se a “ninguém” [19]. Esse apagamento denota o que Florestan (2006) e Skidmore (2012) apresentam, ou seja, o problema racial surge após a República e ocorre por meio de um apagamento do sujeito que cria “o mito da democracia racial” e é mantido e validado discursivamente.

Esse cenário demonstra como da abolição à República ocorre a desconstrução identitária de uma sociedade e dos sujeitos que dela fazem parte. Essa narratividade discursiva carregada de historicidade regula a relação paralela entre o dito topicamente e o dito paratopicamente.

A sociedade maranhense se reconhece nesse plano discursivo, porque há um discurso paralelo atravessado por discursos políticos e religiosos que mantém essa “realidade tópica”. Ao mesmo tempo, ao registrar, relatar, indicar as ações e colocar-se como sujeito social diante delas, instaura-se *o manifesto* que será corroborado interdiscursivamente.

Há interdiscursividade manifesta pelo prof. Carlos Bento e João Olivier<sup>102</sup> diante dessa ruína econômica e social, na redação de um “Panfleto”<sup>103</sup> que seria uma “Síntese Social e política” por meio do qual contesta a crise pela qual passa o Estado. O conteúdo do “panfleto” se inicia no final da primeira etapa argumentativa (da página 79 a 81, mas segue no diálogo entre ambos até a 97) e será retomado no final da *cena de enunciação*, quando se inicia a segunda parte do romance, após a morte de Olivier.

Na segunda parte, o *ethos* do negro é resgatado pela figura de Cláudio e demais interlocutores participantes do processo inicial. A resistência da sociedade fidalga falida e burguesa ascendente com relação à introdução do negro na sociedade persiste. Há a construção de um discurso dominador que cria a relação de submissão no/com o trabalho e reproduz nas relações humanas o apagamento dos sujeitos, em que os pobres são os negros ainda subjugados.

Analicamente, avaliamos que *a situação de comunicação* demonstra as condições de produção que geram o discurso da negritude e marcam a presença do *ethos* do negro na sociedade maranhense.

## 6.2. Discurso da Negritude e o *ethos* do negro na sociedade maranhense

A figura central da sociedade maranhense e da cena genérica proposta em *Vencidos e Degenerados* é o negro, incorporado na figura de “morenos, mulatos, mulatas, crioulos e pretos retintos” e demais adjetivos como são identificados durante a interlocução na cena de enunciação.

Do cenário apresentado na primeira etapa que vai da expectativa da abolição, passa pela Lei Áurea, pela queda do regime monárquico, até chegar à República de-

---

102 Cf. Cap. V

103 Na época, o gênero Panfleto servia mais à questões políticas, eram verdadeiros manifestos publicados em jornais, revistas ou em cadernos individuais distribuídos à população.

cadente, à morte de Olivier e ao início da segunda etapa com Cláudio. O discurso do dominador segue de forma ora velada, ora explícita e dominados ou se adaptam ou são excluídos.

Do universo discursivo político, apreendemos campos discursivos relativos à escravidão, à abolição e à República, cujos espaços discursivos relacionados à inserção do negro nessa nova configuração social são representados por diferentes sujeitos e vozes que constroem a trama e, conseqüentemente, a rede semântica.

Os campos discursivos são atravessados pelo discurso do capital, do mercado, do trabalho, da inclusão/exclusão, da violência, do racismo e da negritude, conforme começamos a demonstrar acima. Nosso foco, porém, está no discurso da negritude, embora não desconsidere(mos) a existência dos demais, porque o consideramos um discurso de resistência e consciência negra atemporal. Logo, é preciso estar ciente da existência dos demais discursos para reagir.

A violência de fato imposta à população negra escravizada torna-se responsável pelo “estado de violência” que surge durante o processo de escravidão, durante o período pré-abolição e se mantém pós-abolição. A enunciação reifica essa violência em [22], [23] e [24] e converte o dito relatado numa possibilidade de registro histórico daquilo que foi deixado de lado pela História nacional e é contra isso que surge o discurso da negritude.

### **Quadro XXVIII – A violência [Recorte 5]**

*22. Lousada era um terrível senhor de escravos, que abalava a cidade com suas torpezas, quase diariamente cometidas, com variantes de requintada selvageria. (p.30)*

*23. Lousada tinha especiais e originalíssimos instrumentos de suplício, tais como: cabos preparados com estilhaços de vidros, por onde forçosamente subiam e desciam os escravos, até cortarem inteira e profundamente as mãos: redes com lâminas lacerantes e pregos onde se embalavam, num horrível balanço, aqueles infelizes, até se retalharem as carnes e se rasgarem os tecidos das costas e dos flancos; martelinhos para baterem na arcada do peito até o sangue espirrar ou golfar pelo nariz e pela boca; espetos de ferro que se levavam ao fogo até o rubro, para queimarem os olhos, a língua e os membros dos escravos, que endoideciam nas prisões úmidas e sufocantes do pavimento térreo. (pp.30-1)*

*24. De noite, à placidez mórbida e pavorosa de seu silêncio ouviram, os que moravam nas casa contíguas ao sobrado do coronel Lousada, gemidos surdos que mãos de ferro violentamente estrangulavam na garganta, espanqueamento de corpos, de encontro às paredes e às lajes, queixas e ais (...) (p.31)*

*25. Diziam os que a conheciam que era uma mulher má, sedenta de cruéis castigos, e que se apontava, distinta, pela impiedade de sua cólera, pelo arrebatado-*

*mento do gênio irascível e impensadas ações.* (p.36)

*Era uma cafuza ainda nova, farta de carne, sensual, de bem talhadas formas sedutoras, que fascinara o marido da senhora, um velho comendador, bonacheirão, roído de reumatismo, constrangido de achaques próprios da velhice, mas que ainda tinha vista para os atrativos do gozo.*(p.36)

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

É contra essa imagem “objetificada” que, na reconfiguração social, surgem embates entre os diferentes enunciadores. Ao contrário do que reza o senso comum, não há passividade na escravidão, o sujeitos não a acataram e a aceitaram. Imposição não é aceitação, e silêncio não significa necessariamente passividade, embora os registros históricos oficiais, por muito tempo, tenham omitido a verdadeira história e tenham criado um discurso idealizado do processo escravocrata sob uma perspectiva eurocentrista.

Se, por um lado, a escravidão trouxe um apagamento dos sujeitos, por outro, é importante ressaltar que a força negra também se manifestou socialmente, não no sentido físico, mas na composição de uma imagem de liderança, na busca de uma identidade e na resistência, seja na fundação de Quilombos, seja no posicionamento social, *ethos guerreiro e reacionário* que surge não somente como resistência, mas como herança das origens africanas, resgate de valores trazidos do continente.<sup>104</sup> E são esses movimentos sociais de deslocamento que se refletem no discurso em delocuições e elocuições que geram *o discurso da negritude*. Na relação ética apoiam-se os embates e instauram-se lutas por direitos e a busca por resgates de identidades.

É a noção de *ethos*, todavia, que vai dar corporeidade à cena de enunciação e ao discurso da negritude, por estar também relacionada ao campo das ideias. Há um hiperethos, incorporado nas imagens do negro construídas pelo enunciado e imagens de autor, que são o fiador do dizer, do dito e dos subentendidos.

Conforme dissemos no capítulo III, as novas concepções de estudo do discurso e da linguagem, de um modo mais amplo, admitem que, no discurso, interagem o *ethos* do autor e o *ethos* do público a que se dirige o discurso, instituem-lhe “caráter” e “corporalidade”. Essa intersubjetividade é o que Maingueneau (2001) chama de incorporação, aspecto fundamental para que as paratopias relacionadas ao criador existam, isto é, *a paratopia testemunho-documental* existe em *Vencidos e Degenerados* também porque o *ethos* do autor, a imagem do autor, o *ethos* do público (*hiperethos* literários) concorrem paralelamente como fiadores do discurso tópico. Pelas estratégias com que *o ethos* envolve o co-enunciador no processo de interação, *as cenas de enunciação e cenografias* criam vida, são validadas pela memória coletiva, incorporam uma voz popular e também podem ser apoiadas em cenas de fala.

Não tomamos o *ethos* como foco principal do discurso, mas admitimos que características da linguagem e características sócio-culturais marcam sua presença no discurso para reafirmar ou negar, inclusive, caracteres identitários, que são apreendidos nas cenas de enunciação. Assim, analisaremos a construção ética de alguns interlocutores que servem para consolidar o testemunho como documento histórico e discursivo contestador de uma realidade de repressão, logo, *um discurso da negritude*, razão pela qual consideramos a possibilidade de um *hiperethos*.

Resgatando interlocutores, apresentados no cap. II como personagens, aqui considerados em suas respectivas cenas de enunciação, consideramos as seguintes relações (Fig.15)

**Figura 15 - Processo enunciativo I**

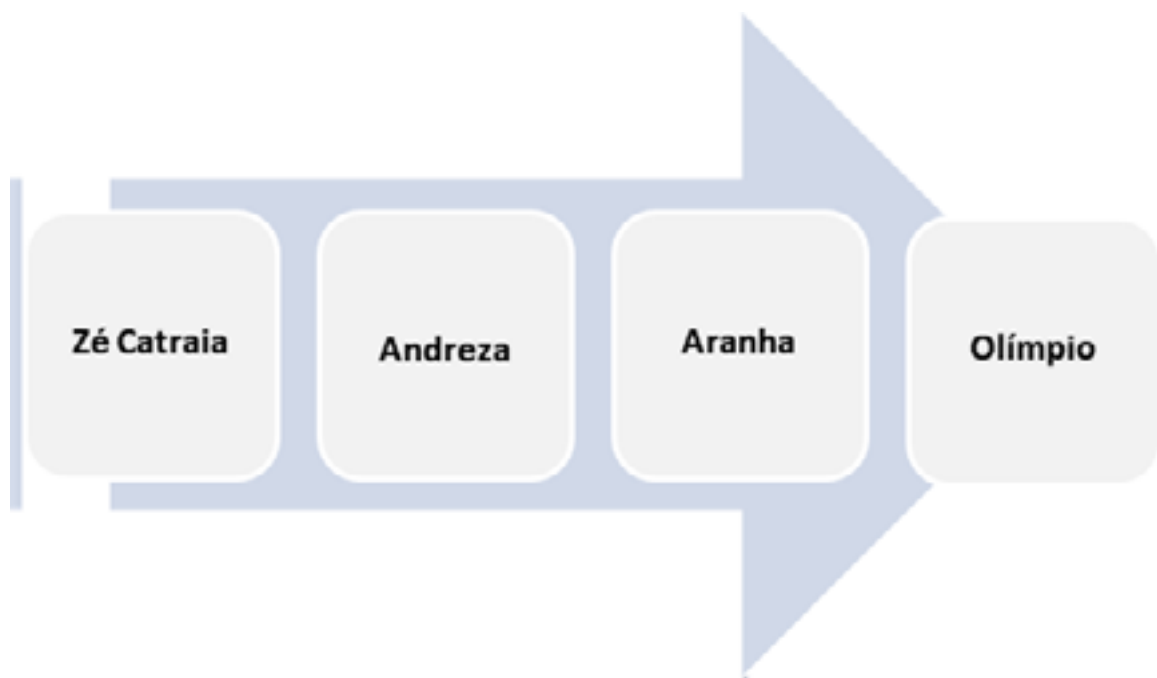


João Olivier representa a voz do oprimido na imprensa, ufano, corporifica o *ethos* do intelectual engajado em causas sociais; Cláudio segue seus passos e se constitui no *ethos* refletido de seu pai (uma espécie de *alter ego*), uma extensão do *ethos* paterno. Bento era preceptor de ambos, o mais ufano de todos, um intelectual às antigas, sem muitos recursos financeiros, que luta pelos direitos da população, sobretudo, dos negros. Representam o *ethos do negro politicamente engajado em busca de sua identidade coletiva*.

Há um grande fiador para o discurso desses *ethé*, que se encontra na imagem de si, que o autor Nascimento Moraes constrói. Sua palavra na sociedade maranhense é de extremo valor, considerado pela minoria letrada, pela aristocracia e pela popula-

ção. Constrói o *ethos* de um negro autônomo engajado nas causas políticas e sociais de sua cidade, estudioso e respeitado. Essa fiança é o primeiro elemento que cria o vínculo paratópico entre obra e criador para constituir-se num segundo movimento, o de paratopia testemunhal. Por conseguinte, quando se torna objeto de estudos da Historiografia, a paratopia é documental e, assim, o *ethos* contribui para a paratopia testemunho-documental. (Fig. 16)

**Figura 16 – Relações interlocutivas: processo enunciativo II**



Zé Catraia, Andreza, Aranha e Olímpio representam os *ethé da resistência da negritude liberta*. Zé Catraia representa o *ethos da resistência marginalizada*, que resiste em silêncio a tudo, observador da realidade social, defende seu povo, tal qual prevê a filosofia do Movimento Negro.<sup>105</sup>

Andreza representa o *ethos da resistência feminina*. Apesar de marginalizada pela sociedade patriarcal, que a vê como mero objeto, assume-se negra, aceita a liberdade e a marginalidade que o preconceito social impõe por sua cor e seu sexo, assume suas qualidades com dignidade e, apesar de violentada e abandonada, trabalha como lavadeira para educar o filho.

Aranha e Olímpio representam o *ethos da resistência identitária*, a minoria que se enquadra socialmente sem perder sua história e sua identidade.

Em certa medida, esses *ethé* também são afiançados pela imagem do autor e



por sua história de vida, uma vez que faz parte de sua história de vida ter sido educado por preceptores. Sua mãe contava-lhe histórias dos meandros das casas dos burgueses porque trabalhava como lavadeira como Andreza, e seu pai era sapateiro, capoeirista e combatente como Aranha.

Machado representa *o ethos da burguesia* que ascendeu socialmente à custa de trapaças, conchavos e associações políticas. Na primeira etapa, com Olivier renega as qualidades da abolição. Na cena [12], torna-se coenunciador passivo e não expressa claramente seu posicionamento, porque, num primeiro momento, tal qual a fidalguia decadente, vive de aparências, embora fosse apenas um taverneiro; no segundo momento, com Cláudio, faz das aparências seu escudo para ascender socialmente, por meio de suas relações políticas, sem escrúpulos e cheio de preconceitos.

Conforme assumimos no Cap. III, no discurso literário, há *um hiperethos*, que impossibilita a apreensão de *um ethos efetivo*. Logo, esses *ethé* são discursivos e criam estereótipos ligados aos mundos éticos.

As práticas sociais geradas pelas relações de trabalho, pelo desenvolvimento comercial, político e cultural criam estereótipos responsáveis por racismo e preconceitos. Por meio deles, o negro é visto como serviçal nato, desordeiro, marginal, animalesco, desprovido de dotes intelectuais e excessivos sexuais. Estereótipos que se mantêm no inconsciente coletivo como em:

#### **Quadro XXIX – Estereótipos e práticas sociais [Recorte 6]**

26. Coronel Patusco era o coronel Lousada, a quem Olivier pregou aquele apelido canalha, por causa de suas maneiras e hábitos na sociedade. O povo, porém, ferindo outro alvo, o alcunhara de – Alma Negra. (p.30)

27. O Aranha não é mau homem, um perdido inteligente. É até de bons sentimentos, e a verdade é que chega a inspirar simpatia. (...) **O homem bebe por desaforo! E quando chega ao mirante, não há quem o aguente! Briga por dez! A não ser isso, até é bom serviçal...**(p.87)

28. – É inteligente e altivo o rapaz! **Tem feito progressos admiráveis nos estudos, apesar da perseguição que lhe movem despeitados e da má vontade que constantemente se manifesta contra ele, da parte dos professores, a princípio, e depois, por imitação, da parte dos colegas.** (p.87)

29. – **A prevenção que há nesta terra contra todo rapaz que não descende das antigas famílias dos ominosos tempos!** (p.88)

30. Na verdade, meu João, **a mulher é um ente fraco, muito fraco...**Ela temia, e por temer, constantemente, me repetia: - **Meu sinhô me desgraçou!** (p.123)

**Fonte: *Vencidos e Degenerados* (MORAES, 2000)**

O estereótipo do negro é associado a qualificações ruins [26]: o negro beberrão, pouco inteligente e de força física brutal [27] e [28], implícitas no discurso racista. A enunciação está marcada, inclusive, pelo eufemismo “prevenção” [29] para não associar diretamente suas limitações à cor da pele e à fragilidade feminina [30], usadas como desculpa para abusos sexuais. A situação comunicativa exprime a marginalização social e a atopia discursiva que acompanham esse enunciador. Há um estado de violência, um não-lugar que se apresenta no discurso e se reitera na cena.

Contra esses estereótipos preconceituosos e racistas, lutam os enunciadores envolvidos *no discurso de negritude*, por meio do qual, o enunciador não admite passivamente o darwinismo social, aceito por muitos cientistas da época.<sup>106</sup>

Isso posto, resta-nos traçar o caminho que vai *do topos* discursivo à paratopia para chegarmos à questão do paradoxo discursivo, a qual envolve *o discurso da negritude*, que luta contra a ideologia repressora reinante em diferentes épocas.<sup>107</sup>

**6.3. Escravidão, abolição e república: práticas sociais e discurso da negritude**

Escravidão, Abolição e República são momentos históricos que fazem parte das condições sócio-históricas de produção dos enunciados de *Vencidos e Degenerados*. Como vimos reiteradamente, as condições de produção do discurso não se referem ao contexto histórico ou ao espaço físico do livro apresentado no capítulo II, mas à concepção discursiva.

Essas condições sócio-históricas de produção são percorridas por diferentes *formações discursivas* e *formações ideológicas*, que aqui se consolidam em práticas discursivas (haja vista a complexidade dessas definições já abordadas no cap. III).

Ainda que a escravidão remonte aos primórdios da História da Humanidade, pois, na Antiguidade, as sociedades divididas em castas já pressupunham o indivíduo escravizado (Egito, Grécia e Roma, por exemplo), ela ressurge com força total graças à *ideologia expansionista* que altera a ordem mercantil para apropriação de terras e reaviva, assim, a posição do “escravo” não como “sujeito pertencente a uma casta”, mas como objeto, produto negociável, reestabelece as relações de poder (dominador/dominado) nas colônias criadas a partir da expansão.

Por sua vez, a abolição surge como reação a essa configuração social, contra o mercantilismo e a favor de uma nova ordem social, como reflexo da *ideologia iluminista*

---

106 Como Nina Rodrigues, ver cap IV.

107 Cf. Cap. IV.

que moveu as colônias portuguesas, não somente em direção à abolição, mas também em direção à República. Clara está a influência dessa ideologia em várias revoluções e embates políticos como a Inconfidência Mineira, por exemplo. Como resultado desse lento processo histórico, a República surge pautada por uma *ideologia positivista*<sup>108</sup>.

Dessas ideologias, admitimos a presença de *formações ideológicas*<sup>109</sup> (FI) expansionista, iluminista e positivista. A partir dessas formações ideológicas, teremos distintas *formações discursivas* (FD) e *universos discursivos*. Isto é, na composição da FI expansionista, há uma FD da escravidão, mas também há uma FD de povoamento, uma FD bélica, uma FD religiosa.

A escravidão, por sua vez, apresenta universos discursivos que variam de acordo com as condições sócio-históricas, os interlocutores, o posicionamento, os interdiscursos e a adesão, ou seja, haverá na FD da escravidão, o universo discursivo da violência, da dominação e da negritude, entre outros que poderiam ser listados *ad infinitum*. Entretanto, se levarmos em consideração a íntima ligação entre FD e ideologia, podemos considerar a existência de uma FD expansionista, iluminista e positivista, a partir da qual, surgem novas FD, confirmando o “primado do interdiscurso”<sup>110</sup>, conforme esquema ilustrativo abaixo:

---

108 Cf. Augusto Comte.

109 Cf. Cap. I., no qual apresentamos o pensamento de Pêcheux (1975). Em linhas gerais, o autor propõe que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, ambos estão circunscritos na História e na língua, e deles se depreendem, por isso, há *formações ideológicas* e *formações discursivas* identificáveis pelas relações sociais de dominação e assujeitamento.

110 Em referência à obra de Maingueneau, porque embora só assuma esse primado recentemente, o primado do interdiscurso é algo latente em suas investigações.

**Figura 17: Formações Discursivas (Esquema III)**

O *discurso da negritude* surge contemporaneamente como parte da ideologia do movimento de Renascimento Negro<sup>111</sup>, mas, em nossa perspectiva, o *discurso da negritude* é um movimento de reação e resistência crítica de um sujeito assujeitado socialmente, seja de forma brutal por meio da escravidão, seja de forma cultural pela aculturação.

Assim, fará parte da FD da escravidão, mas também fará da FD da abolição e da República toda vez que houver um posicionamento de reação explícita ou implícita de resgate da cultura e dos direitos do negro na sociedade, independentemente da época, por ser uma ação discursiva atemporal. Essa atemporalidade faz com que possamos encontrá-lo em diferentes momentos históricos, o que resulta num registro de uma reação social que já carrega em si a historicidade da ação.

Em *Vencidos e Degenerados*, o *discurso da negritude* se manifesta como verdadeiro testemunho do que ocorreu com o negro durante esses períodos no Maranhão. Dele, podemos depreender: movimentos de reação ideológica; atitudes de branqueamento e aculturação; embates entre brancos, negros e mestiços; urbanização e desenvolvimento comercial; posicionamentos sociais de homens e mulheres; constituição ética e testemunho histórico sociológico paratópico.

As redes semânticas que se estabelecem são tão variadas que enquadrá-lo em uma ou outra FD, seria minimizar o *discurso da negritude*. Cano (2012) defende, em seus estudos, uma aproximação da noção de *posicionamento e formação discursiva* que

facilitaria muito a identificação das FD a partir da ideologia de um grupo social, mas também deixa claro que o próprio Maingueneau, em suas obras, ainda oscila na utilização desses princípios.

Particularmente, concordamos com Cano (2012) que posicionamento e adesão são princípios pouco estudados e que, em alguns universos discursivos, como o jornalístico, em que o posicionamento é inerente ao enunciado e à ideologia, e, sim, se aproxima, podendo até ser utilizado no lugar de FD; contudo, para a análise do *discurso da negritude* em *Vencidos e Degenerados*, a fim de comprovar seu valor testemunhal, considerar somente o posicionamento dos enunciadores não é suficiente, pois implicaria considerar a historicidade discursiva, desconsiderando a historicidade interdiscursiva ou contextual, que se manifesta paratopicamente.

Ao associarmos as regras de formação propostas por Foucault (2005a), pautadas em sistemas de dispersão e considerando os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos e escolhas temáticas. (Cf. Cap. III.) às relações discursivas em *Vencidos e Degenerados*, percebemos que as regras de formação da FD que mantêm a possibilidade do surgimento do *discurso da negritude* coexistem, mantêm e modificam a FD escravocrata e conservadora, que, aos poucos desaparece, substitui ou instaura racismos e preconceitos.

Nas práticas discursivas, temos a integração plena desses conceitos tênues, porque delas surgem FD, que também são formações ideológicas. Nessas práticas, o objeto em comum é *o negro* e seu direito à cidadania e à liberdade; existe uma FD da resistência e, nela, encontra-se *o discurso da negritude*.

Ao analisarmos somente os aspectos discursivos, durante as alternâncias de papéis dos interlocutores, percebemos diferentes reações discursivas. Há, na *cena genérica*, diferentes nuances das possíveis interpretações para o conceito social de *negritude*, uma vez que o contexto histórico ainda não apresentava movimentos negros, como hoje os concebemos, mas as condições sócio-históricas de produção discursiva denotam a presença de discursos de resistência e luta.

Se por um lado, o posicionamento dos enunciadores apresenta uma postura reacionária e inovadora para época, por outro, *o discurso da negritude* em *Vencidos e Degenerados* apresenta-se sob três aspectos muito fortes.

O primeiro, *de base sociocultural ou de classe* reduz a questão racial à visão classista. Comprova o que apregoa Kabengele (2009)<sup>112</sup>, mascara os mecanismos de opressão e faz com que o discurso dominante se sobreponha. Isto é, todas as questões estão mais relacionadas e focadas nos embates que envolvem ricos e pobres, numa divisão desigual da renda, eliminando aparentemente a questão racial, quando é de interesse das relações sociais.

Percebe-se, por exemplo, que Machado (o português) ascende socialmente de taverneiro a grande comerciante e banqueiro, passa de dominado a dominador, sendo suas relações todas superficiais pautadas em interesses econômicos. Foi amigo de Olivier, como forma de frequentar as altas rodas sociais, ignora aparentemente sua mestiçagem para atingir uma ascensão política e econômica. Sujeita-se à “politicagem” criticada por Olivier [12], segue como amigo e protetor de Cláudio, filho Olivier. Seu discurso, porém, é o de dominador: oprime o rapaz tentando ajustá-lo e usá-lo para seus interesses. Quando descobre nas altas rodas que o rapaz se envolvera com uma aristocrata branca, a questão social atenua o discurso racista, mas não se trata somente da indignação social ante o fato de um rapaz pobre ser amante de uma aristocrata, na verdade, de um mestiço que desafia as convenções.

O segundo, *de caráter biológico ou racial*, aparece nas situações comunicativas que envolvem Andreza, Aranha, Olímpio e Zé Catraia, porque se unem em busca de um pertencimento social na tentativa de não perder a identidade.

O terceiro, *de caráter cultural e ambíguo*, surge na união de intelectuais brancos e mestiços que sonham utopicamente com a renovação social e lutam por ela. Como vimos em [14], em que temos o embate de um discurso mistificado e um combativo, que não se concretiza, uma vez que o “Panfleto”, iniciado por Olivier e Bento e finalizado por Bento, com o apoio de Cláudio, nunca é publicado, e Cláudio foge para salvar sua vida da repressão cruel da sociedade dominante.

Perante as condições de produção encontramos ainda, um autor que cria a imagem de autor como *lutador*<sup>113</sup> contra o *status quo* que acata o darwinismo social<sup>114</sup>, o qual busca resgatar do passado essa *negritude* com expectativas futuras de inclusão e, com isso, cria o espaço discursivo da enunciação.

Esse movimento entre o exterior e o interior da obra mantém os contratos discursivos genéricos e promovem também a paratopia da criação.

Será a análise da proxêmica participante do processo criativo que definirá a configuração de uma paratopia testemunhal, por exemplo. Um discurso paratópico só poderá ser considerado testemunhal, documental ou testemunho-documental, se a proxêmica discursiva trouxer evidências que corroborem para essa interpretação, assim, um romance pode não apresentar, na cena genérica, as características necessárias para que seja considerado uma narrativa textualmente testemunhal, mas pode apresentar características discursivas paratópicas, que façam desses elementos testemunho contundente, ou seja, não teremos mais somente universos discursivos, mas *multiversos discursivos*.

---

113 José do Nascimento Moraes em seus textos apresenta frequentemente a frase “Eu sou um lutador” referindo-se a si mesmo.

114 Ver Cap. V.

## 6.4 Paratopia, atopia e testemunho em *Vencidos e Degenerados*

Conforme salientamos, no capítulo V, relacionado à paratopia, ela pode manifestar-se em dois níveis:

- *no nível do conjunto do discurso constituinte: os discursos religioso, filosófico, científico, os quais pertencem e não pertencem ao universo social, na medida em que se trata de discursos que raíam o indizível e o Absoluto;*
- *no nível de cada produtor de texto pertencente a um discurso constituinte: para estar em conformidade com sua enunciação, deve construir ele mesmo uma impossível identidade por meio das formas de pertencimento/não pertencimento à sociedade.*  
(MAINGUENEAU, 2008:160)

A paratopia de *Vencidos e Degenerados* está tanto no nível do discurso constituinte, porque se trata do discurso literário, quanto no nível individual de criação.

A primeira paratopia presente *na cena genérica, englobante e cenográfica* é a de identidade, categoria analisada por Maingueneau (2008)<sup>115</sup>. Para a construção da paratopia, como vimos anteriormente, é fundamental a noção de embreagem, é ela que materializa a ação global paratópica.

Os locutores somados aos enunciadores, aos *ethé* e à imagem de autor que serão os embreantes necessários para a avaliação de como *esse discurso da negritude* acaba se revelando um testemunho-documental da realidade maranhense.

Há uma íntima relação de embate entre um “ser social”, um “ser ficcional”, um “ser criador” e um “ser para o outro/ser negro”<sup>116</sup> na narratividade discursiva. Olivier e Cláudio são os embreantes paratópicos centrais porque representam *a resistência negra* que, apesar do branqueamento, luta por uma inclusão social para si e para os demais.

Ambos não se reconhecem negros e nem são assim identificados pelo enunciatador, são “mestiços” e “mulatos”, respectivamente, que são, na verdade máscaras sociais de aparente aceitação. Sua desconstrução identitária se dá de forma inconsciente, mas não diminui a necessidade de busca de uma identidade que faça com que ultrapassem o limite da tolerância para entrar no embate <eu> <outro>, que não resolve o paradoxo de estar incluído sem ser aceito, é apenas tolerado, num aparente “estar”, sem ocupar um lugar efetivo, ou seja, existe um sujeito, cuja “subjetividade” se exterioriza e se iden-

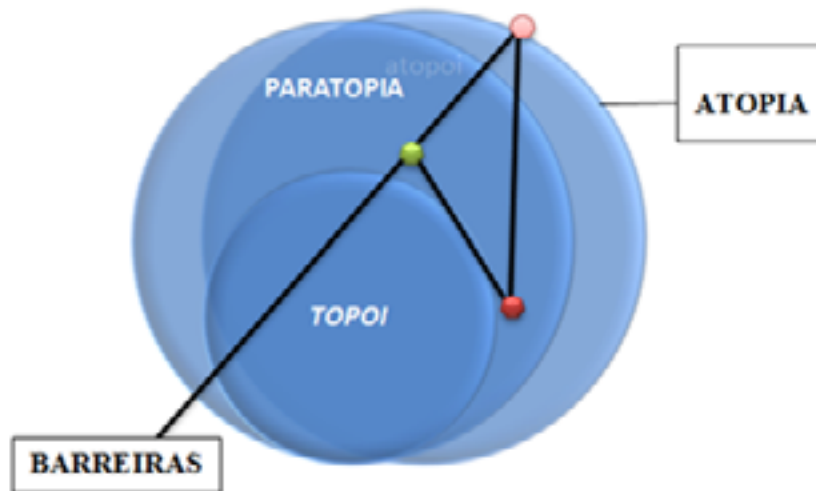
115 Cf. Cap. V sobre Paratopia.

116

tifica com “um ser social” real, entretanto, nem este nem aquele têm ciência ainda de qual seria seu lugar na sociedade.

Esse paradoxo discursivo comparado ao paradoxo de Fermi (ver cap. VI) é justamente um “entre-lugar”, em que os sujeitos dominados e oprimidos foram colocados convenientemente por dominadores/opressores brancos para que tivessem essa sensação de pertencimento, sem ultrapassar ainda as barreiras sociais existentes. A partir de nosso esquema do paradoxo discursivo, temos:

**Figura 18 – Esquema de topoi**



As barreiras que instauram o paradoxo não são tão palpáveis e talvez sejam tão cruéis quanto os castigos físicos, pois há um apagamento do sujeito para se fazer dono de sua subjetividade.



**Quadro XXX – Branqueamento [Recorte 7]**

31. *Envergava um fato azul-claro; trazia um colarinho alto, gravata parda a borboletar. Não dispensava uma flor qualquer à botoeira, e exibia naquela manhã um desabrochado botão de rosa amarela, luvas no bolso do peito do paletó, e um palhinha airosos e leve. Caminhava como passo largo e medido. Quando andava, metia o dedo polegar na cava do colete, balanceava o corpo e a cabeça, jogando com as espáduas, para a direita e para a esquerda, fronte alevantada, altiva; e se porventura a baixava era para se espelhar no verniz da botinha. Era mestiço e fora com dificuldade que se colocara na imprensa e se fizera guarda-livros de importante casa comercial. Era um cronista excelente e sustentava no jornal as graças e as louçanias do dizer castiço e vernáculo; (Descrição de Olivier) (p.28)*
32. *Trajava habitualmente fraque e colete preto, camisa branca, lustrosa, gravata preta, calça branca, dura de goma, chapéu de feltro preto, de copa altam sapatos de pelcia preta, de bom feitio.. (Descrição de Olímpio)(p.39)*

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

Observamos pelas descrições [31] e [32] dos enunciadores não só nas características físicas, mas também nas vestimentas, comportamentos e valores um espelhamento de características sociais pertencentes ao branco e necessárias para essa aparente inclusão, embora sejam detalhes que possam ser considerados somente como reflexo da moda da época; quando comparados a outros enunciadores resistentes à aculturação e pertencentes a outro estrato social como Aranha, por exemplo, percebemos traços de apropriação da cultura branca, inclusive, na vestimenta e no comportamento.

O engajamento ou “aparente” inclusão social de *negros, mestiços, morenos, mulatos e crioulos* (como são descritos) se dá por meio da aculturação, o branqueamento, a aceitação e assimilação do discurso do dominador. A tal ponto que, quase no final, quando Prof. Bento discute com Cláudio [33] sobre a decadência do Estado, critica a cultura negra e sua religião, diminuindo-a, analisando-a sob o olhar cristão de superioridade; Cláudio não emite crítica alguma, apaga sua origem, deixando o discurso do *dominador* primar. E o manifesto do professor ainda chama a atenção para o fato de o discurso religioso (das religiões africanas) ter se tornado também uma forma de poder e dominação.

**Quadro XXXI – Religião e Sociedade [Recorte 8]**

33. “A família maranhense ainda não se esqueceu de suas crendices. Existe ainda o velho pajé; a mendiga que cura e que mata, a MEZINHA que advinha o passado e prevê o futuro, as danças cabalísticas e extravagantes, enfim ainda se praticam todos os trabalhos diabólicos da feitiçaria, obrada por SANTOS CURADORES, rainhas e imperatrizes de corpo são coroados no mistério fundo, lugar incógnito para todos, onde habita envolto em incandescências saturnais o príncipe da magia negra! Só há uma diferença: é que os SANTOS MILAGROSOS, que obram prodígios de cura e prodígios de perversidade, são em grande parte sustentados por interessados em tais logros, que tomam parte nos cordões e pagam um tanto por mês, para o sustento da IRMANDADE! (p.213)

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

Embora a cena de enunciação aparente que o *discurso da negritude* se dá somente por parte dos dois embreantes mais relevantes, Olivier e Cláudio, é justamente nessa aparência que o paradoxo discursivo se torna ainda maior, pois ambos servem inconscientemente aos desejos da elite aristocrática, resistem de forma parcial ao sistema, cedendo às necessidades impostas pelo *status quo*.

Por parte do personagem Machado, temos um exemplo claro do princípio da mediocridade porque ele fingia não saber da origem de Cláudio, julgava-se superior pela cor e pela origem portuguesa, ignorando imediatamente qualquer ação que revelasse a civilidade ou a civilização por parte de um negro.

Por isso, sem dúvida, os representantes mais próximos do *discurso da negritude* consciente são Aranha, Andreza e Zé Catraia, que não cedem aos dominadores, aceitam sua negritude e buscam preencher esse “entre-lugar”, sem perder a identidade.

Zé Catraia, na primeira parte do romance [34,35 e 36], era tido como grande narrador de histórias, conhecedor da vida de todos e, na segunda parte [37], retrato da decadência social, sempre bêbado, porém atento e lúcido, inclusive, silenciosamente analisa a sociedade, compreende suas mazelas, seus meandros e sua mediocridade. Em silêncio, protege os seus iguais, critica o branco, a colônia e o negro que se deixa abater pelos dominadores.

**Quadro XXXII – O enunciador silencioso [Recorte 9]**

34. *Zé Catraia, o mais popular de todos os populares, o mais inteligente e o mais saboreador de cana, conhecido sem rival em todas as bodegas e em todos os troços da cidade. (p.44)*
35. *Zé Catraia tinha alguma coisa de orador popular. Quando falava unia a palavra ao gesto, rasgava demoradamente o vocábulo, tinha tons e semitons com que coloria as suas frases, que se não primavam pela pureza e precisão vernácula, não eram também amostras de idiotismo e mau gosto sintático. (p.45)*
36. *Zé Catraia se libertara naquele dia. A liberdade, porém, não lhe trouxera propriamente vantagem que mereça menção. Era escravo de confiança de seu senhor, um velho decrépito que mais medo havia dele que ao diabo. Temia que aquela inteligência pronta, naturalmente cheia de recursos, espontaneamente planejadora, um dia lhe arrajasse um embrulho, ou a seus secretos negócios de contrabando. Tratava-o otimamente, admirava-o e por fim acabara por nada fazer sem o consultar. **Zé Catraia conhecia a vida de todo o mundo, dos princípios obscuros de todos (...)** (pp.45-63)*
37. *[- Mas como Zé Catraia soube disso?*
- **Zé Catraia sabe de tudo, meu rapaz.] (p.266)***

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

Por fim, há que se observar que o papel do negro na cena de enunciação é o reflexo de seu papel na História inerentemente atópico, aquele “entre-lugar”, delegado à marginalidade, dele decorre o racismo e o preconceito, que leva, algumas vezes, à necessidade de branqueamento pela busca de aceitação.

De forma multiversal, essa atopia deixa marcas no enunciado posto e na *paratopia*, uma vez que é a marginalidade e a não aceitação do sujeito enunciador que leva ao grito “dos degenerados”, e seu registro é justamente o que o transforma em testemunho-documental e, paradoxalmente, regenera a identidade cultural.

Esse preconceito e essa marginalização se dão não somente com o negro libertado, cuja função social se transforma, mas também prossegue na constituição social [38] e estão expressos no discurso do “Panfleto” do Prof. Bento, que analisa o racismo presente na sociedade. O manifesto apresenta a atopia (os preconceitos raciais) e a paratopia de identidade (do negro à margem). Os embates sociais instaurados revelam-se discursivamente, ora por eufemismos como uma mera “prevenção” ou “prejuízos sociais”, ora claramente em “preconceitos” explícitos.

**Quadro XXXIII – O racismo topia, atopia e paratopia [Recorte 10]**

38.-[A **prevenção** que há nesta terra contra todo rapaz que não descende das antigas famílias dos ominosos tempos! E é preciso que lhe diga: a minha sombra ainda é quem faz que os perseguidores guardem do pequeno respeitável distância. Outros há que são aberta e francamente fustigados...No meu panfleto há uma parte consagrada aos nossos prejuízos sociais. Eu os conheço, Olivier, não sabia, porém, que eles encontravam abrigo na alma dos nossos afamados educadores. São vícios de origem. Que queres?Não é com poucos anos que se transforma uma sociedade e desenraizam **preconceitos**. (...)](p.88)

**Fonte: Vencidos e Degenerados (MORAES, 2000)**

A *paratopia de identidade* (por tolerância e aceitação), todavia, não dá conta do fato de o texto ser considerado testemunhal, porque é um discurso literário. Assim, surge um novo movimento paratópico: o testemunhal, que se tornará testemunho-documental, a partir da exterioridade, ou seja, é a leitura que a sociedade (dos co-enunciadores) faz dessa paratopia identitária que fará dela um testemunho ou não.

Isso posto, é a aceitação do dito relatado como testemunho que trará para a obra a característica testemunhal. A partir do testemunho que ocorre de forma paratópica, sua materialização documental, quando seu valor testemunhal se sobrepõe, e o enunciado torna-se documento para corroborar dada realidade, gerando novos enunciados, textos e discursos. A título de ilustração do que dissemos, relatamos abaixo, estudos que surgem por conta dessa força paratópica, cuja proxêmica torna a relativização ficção e realidade menos tênue.

**Quadro XXXIV – Estratégias paratópicas testemunho-documentais**

Discurso Relatado	Estratégias paratópicas	Paratopia Testemunho-documental
		Na dissertação de mestrado intitulada “Em nome da cidade vencida: a São Luís de José do Nascimento Moraes. (1889-1920)” feita pela pesquisadora Adriana Gama de Araújo da UFRN na área de História, o romance é tomado como documento, cujo elemento debreante é a cidade de São Luís. Na pesquisa, o enunciado romanesco é tomado como registro documental da organização e decadência da sociedade ludovicense.

<p>Escolares e moleques que brincavam por ali puxavam fazendas de amostras colocadas às portas, gritavam-lhes obscenidades em frases árabes já deles conhecidas, e os carcamanos furiosos, ameaçavam com a mão fechada, esbravejavam, mostravam, selvagememente, as trancas das portas, ou, no auge da cólera por ouvirem repetidos os insultos lhes zunirem irritantes aos ouvidos, as vaias, sacavam revólveres das gavetas, com o que se afastava a troça. (MORAES, 1982)</p>	<p>A embreagem paratópica documental é a própria cena de enunciação formada pelo todo de <i>Vencidos e Degenerados</i>, relacionado à historicidade imanente ao discurso à História, os embreantes servem assim como corporificação de um testemunho e de um documento.</p>	<p>Em dissertação de mestrado intitulada <i>Sírios e libaneses na cidade de São Luís (1885-1930): entre táticas e representações</i>, o pesquisador Marcelo Vieira Magalhães na UECE, utiliza o romance para analisar as relações entre os ludovicenses e esses povos, partindo do enunciado, em que os elemento debreante é a xenofobia.</p>
		<p>“<i>Porões e salões, mundos antagonônicos em uma sociedade hierarquizada:</i> <i>Representações sociais de São Luís do Maranhão no romance de José do Nascimento Moraes (1900-1915)</i>” estudo feito por Helayne Xavier Brás, mestranda de História Social pela UFMA</p> <p>Em que o foco está nos estratos sociais e na interrelação existente na obra tomada a partir da realidade histórica como relato.<sup>117</sup></p>

Nos recortes acima, observamos que o discurso relatado foi tomado, por estudiosos, como discurso testemunho-documental para a estudo da realidade maranhense pós-colonial.

Esse fato atesta nossa tese de que existe *uma paratopia testemunhal* que está

<sup>117</sup> Assinalamos somente esses estudos, pois, conforme assinalamos anteriormente a obra é ainda pouco investigada, mas o fato de ser tomada como documento em áreas de História e Sociologia reforça nossa tese. Há ainda alguns poucos estudos relacionando o livro aos estudos de Literatura e afrodescendência, mas nesses casos específicos o topos se sobrepõe à paratopia, pois o enunciado é considerado em somente em seu aspecto linguístico e literário, segue as premissas de análise da Crítica Literária.

*além e aquém* do estilo da obra e surge por meio dos contratos genéricos, mas só será testemunho, documento ou testemunho-documental, se adquirir força paratópica relacionada à criação.

Assim, é na alteridade somada à historicidade discursiva e de como ela é interpretada discursivamente que se institui a paratopia testemunhal. A paratopia testemunho-documental se dá na medida em que a proxêmica entre *o topos*, *o paratopos*, a situação e o condições de produção ocorrem de forma que as distâncias entre eles diminuam. Se a paratopia está relacionada ao criador, para que seja tomada como *testemunho-documental* estará também intimamente relacionada às condições sócio-históricas histórico e aos co-enunciadores.

Há uma relação entre enunciado, processo de criação e historicidade de tal forma que *a cena de enunciação* torna-se testemunho de uma realidade e, nesse caso específico, torna-se documento que relaciona obra e realidade, das quais se valem estudiosos, críticos e leitores maranhenses para tratar de questões relevantes como a decadência pós-colonial, hábitos e costumes, representações intelectuais e outros aspectos voltados à História real do Maranhão.

Há um discurso relatado, cuja narratividade adquire força circunstancial e é, nessa inflexão, que se encontra “o entre-lugar”. A narratividade da obra cruza-se à História reforçando o poder da historicidade discursiva do enunciado como registro da História do negro no Maranhão e, como tal, adquire força de resistência, tornando-se *discurso da negritude*. Nessas estratégias aproximativas, repousa a proxêmica necessária para que um discurso paratópico testemunho-documental se instaure.

## 6.5 Proxêmica discursiva em *Vencidos e Degenerados*

Apropriamo-nos no termo proxêmica, utilizado na arquitetura, para definir distâncias e constituições de espaços físicos materializados na convivência e experiência social, unindo-o à concepção aristotélica em que a proxêmica seriam as estratégias de aproximação entre os interlocutores, formando a escultura do dizer para concebemos uma proxêmica discursiva, a qual está mais relacionada alegoricamente ao aspecto arquitetônico da situação comunicacional do que propriamente às distâncias estruturais. Com isso, queremos dizer que o aspecto proxêmico é uma grande alegoria que se constrói no uso da língua, não é possível mensurar com exatidão as distâncias entre interlocutores e lugares discursivos, contudo, quando os analisamos, é possível perceber em que medida há um *design* discursivo que impõe interferências, domínios, enunciadores e lugares aproximando-os ou distanciando-os.

No caso específico da proxêmica em *Vencidos e Degenerados*, ela denota que os limites entre *o topos* e *o paratopos* são tão tênues que aproximam *um dizer possível* de *um dizer real*. Analisando globalmente, temos o espaço urbano (re)constituído com

certa perfeição que aproxima enunciadore e co-enunciadore.

A presença de negros, mulatos, morenos, ex-escravos, forros, (inseridos e excluídos), ex- senhores, intelectuais, funcionários públicos, políticos e aristocratas não somente denota a realidade maranhense, mas se aproxima dos elementos históricos retratados por Meireles (2012), retratando o fluxo e a diversidade étnica da região, em que as sublevações e a decadência da sociedade também dão o tom histórico *ao dizer*.

Por fim, temos a imagem de autor de Nascimento Moraes que valida a situação enunciativa sob uma perspectiva jornalística, aproximando-a do real e deslocando-a do plano literário para o plano testemunhal paratopicamente. Esse movimento de embreagem, que faz da palavra de Moraes um testemunho contundente de uma consciência negra, denuncia que nesse discurso as distâncias topológicas são estreitas, logo, a proxêmica institui um paralelismo discursivo, fato gerador da paratopia.

## DA CONCLUSÃO AO PRENÚNCIO: O ENTRE-LUGAR E A PARATOPIA

Com esta pesquisa, examinamos estratégias e princípios identificadores da paratopia testemunho-documental no quadro cênico estabelecido no discurso literário de *Vencidos e Degenerados*, na qual pudemos identificar o posicionamento social do negro, fato que assinala a atemporalidade do *discurso da negritude*.

Como parte da *cena de enunciação*, reconhecemos enunciados pertencentes ao campo discursivo da escravidão, da abolição e da República, que não somente servem como elementos que compõem a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*, mas também são responsáveis pelo tom de manifesto, que reforça a paratopia testemunho-documental.

Para isso, partimos da noção de historicidade para a apresentação de conceitos que possibilitaram a análise das condições sócio-históricas de produção do discurso do negro em *Vencidos e Degenerados*. Apresentamos as teorias racistas e os diferentes conceitos para o termo *negritude*. Relacionamos esses conceitos à subjetividade discursiva e diferenciamos identidade, subjetividade e *ethos*.

Por meio dessa delimitação, provamos que *as cenas de enunciação* compõem o posicionamento de manifesto, o testemunho e as formações discursivas da Abolição da escravidão e da República, bem como registram as manifestações e as transformações sociais. Na enunciação, os interlocutores representam: o *ethos* da negritude revolucionária, o *ethos* do negro subjugado e o *ethos* do cidadão excluído. A essa pluralidade de *ethés* dentro de uma mesma situação comunicativa, demos o nome de *hiperethos* e consideramos que simbolizam o posicionamento do sujeito enunciator no discurso da negritude em busca de uma identidade coletiva.

É nesse posicionamento dos sujeitos do dizer que encontramos as relações de poder (dominados *versus* dominadores) e entraves entre “pertencer” e “não pertencer” à sociedade. Embates instauradores do discurso literário do qual “*Vencidos e Degenerados*” faz parte e reveladores das relações de poder inerentes ao discurso.

A avaliação do aspecto sócio-histórico, que envolve os enunciadores levou à apreensão do *discurso da negritude* e à análise do testemunho e de sua função documental.

Com o entendimento das características estilísticas e semióticas propostas pela Crítica Literária para o gênero literário romance testemunhal, percebemos que é certo



que temos uma literatura de testemunho, assim considerada por suas características textuais; entretanto, tais características não dão conta do fato de muitos romances histórico-sociais serem estudados como registros históricos e/ou testemunhos de ações, costumes ou valores de uma época e concluímos que o testemunho ocorre em nível discursivo.

Por meio de nossa análise, conseguimos esclarecer que esse impasse se resolve em nível paratópico. Assim, quando Bosi (1995) admite que *Memórias do Cárcere* é um testemunho ficcional, que em seu parecer foi “idealizado com perfeição”, consideramos que esse testemunho ocorre em nível *tópico* e *paratópico*, mas não depende da paratopia para legitimá-lo, porque já está legitimado topicamente. Já em “Vencidos e Degenerados” o testemunho não ocorre diretamente, legitima-se paratopicamente.

Temos testemunhos que são depreendidos da cena englobante ou da cenografia (topicamente) e outros paratopicamente. Há discursos que, embora não pertençam à dita Literatura de Testemunho, como quer a Crítica Literária e não apresentem características testemunhais, serão testemunhais topicamente, em razão de sua narratividade e, não terão, necessariamente, uma *paratopia testemunhal* ou *testemunho-documental* e outros o serão paratopicamente. O que nos leva à seguinte afirmação: toda cena genérica testemunhal apresentará *topia testemunhal* e poderá apresentar, ou não, paratopia testemunhal ou documento-testemunhal; todavia, toda cena genérica, cujos dizeres sejam validados socialmente como testemunho, apresentarão *paratopia testemunhal e/ou testemunho-documental*.

Intuímos que todo gênero do discurso que seja dotado de narratividade validada social e historicamente como testemunho apresentará essa paratopia, mas deixamos esse aspecto em aberto para estudos futuros, uma vez que este estudo foi pautado em *Vencidos e Degenerados*.

Por ser a paratopia uma categoria ainda pouco explorada pela AD, consideramos que nossa contribuição é a apresentação de novas categorias originadas por inferências e observações, a partir de nossos estudos, a saber: *paratopia constituinte*, *paratopia afásica*, *paratopia investigativa*, *paratopia documental*, *paratopia testemunhal* e *paratopia testemunho-documental*.

No caso específico de “*Vencidos e Degenerados*”, os universos discursivos e *os éthé* delineam a proxêmica discursiva tópica e paratopicamente, uma vez que representam: o *ethos* do negro politicamente engajado; o *ethos da resistência* e o *ethos marginal* que enfrenta(m) o *ethos do dominador*. Os enunciadores lutam contra estereótipos e preconceitos, multiplicam-se, alternam-se no quadro cênico e são afiançados pela imagem de autor, que concorre como o primeiro elemento de paralelismo entre o dizer e sua paratopia.

O embate entre gêneros do discurso (romance sócio-histórico *versus* testemunho) revela a cisão necessária à paratopia, conforme esclarecemos. A paratopia legitima o discurso testemunhal e diminui as distâncias entre o que foi dito, o que foi “experimentado” ou “vivenciado” e o que foi (re)criado discursivamente, estabelecendo uma espécie de configuração discursiva testemunhal, o desenho do “dizer”, o qual chamamos de proxêmica discursiva.

A intensa ligação entre *o dito relatado* e *a verossimilhança* faz do discurso ali presente não somente uma narração, mas, sobretudo, um testemunho-documental, seja na concretude das descrições das ruas de São Luís, associada à criação de uma “experiência possível”, que se concretiza como testemunho, seja por sua força discursiva associada à imagem de autor de Nascimento Moraes, seja por sua representatividade social. Verossimilhança que acompanha o discurso literário e torna *os ethé* também verossimilhantes.

Testemunho porque as ações do autor interagem paratopicamente com o discurso, e documental por ser usado para estudos de áreas científicas como documento de registro histórico-social do Maranhão, que validam o “dizer”.

Além disso, avaliamos, no quadro cênico, ações discursivas que contemporaneamente se enquadrariam ideológica e politicamente no “Movimento Negro” por conter o que denominamos *discurso da negritude*.

As condições sócio-históricas de produção somadas aos *ethé*, às formações discursivas, à constituição do discurso literário somados aos topoi, paratopoi e atopias denunciam a limitação da denominação “universo discursivo”, uma vez que o número de variáveis passíveis de análise é imensurável, por isso, consideramos mais apropriado chamar de multiverso discursivo, que contempla a relatividade de tempo-espaço discursivos.

Utilizamos o termo *negritude*, a partir de Munanga (2006) como caracterizador de um discurso de resistência consciente ou inconsciente por parte do negro. Discurso que se fortalece com os Movimentos Negros, mas é atemporal, por se tratar de uma marca discursiva e de um posicionamento enunciativo.

Nas análises, foi possível observar que *a atopia* faz parte da História do negro e, de certo modo, na *cena genérica*, ela é o motor que valida e sustenta a enunciação tópica, pelo racismo e marginalização, que acompanham os originários da diáspora e seus decentes.

A paratopia testemunhal, por sua vez, estabelece-se *além e aquém* do estilo da enunciação e surge por meio dos contratos genéricos. Contudo, só será testemunho, documento ou testemunho-documental, se adquirir força paratópica relacionada à criação. Assim, é na alteridade somada à historicidade discursiva e de como ela é interpretada discursivamente pelos interlocutores, que se institui a paratopia testemunhal ou testemunho-documental.

Se a paratopia está relacionada ao processo de criação, para que seja tomada como testemunho-documental estará também intimamente relacionada às condições sócio-históricas de produção do discurso e aos co-enunciadores. É o movimento de embreagem, que faz da palavra dos enunciadores de *Vencidos e Degenerados* um testemunho contundente de uma consciência negra, denúncia de uma proxêmica, cujas distâncias topológicas discursivas são estreitas, ou seja, *o dito relatado* é validado socialmente como dito testemunhal.

Nesse movimento paratópico testemunho-documental, mais do que características do negro e do povo maranhense, encontramos *um discurso da negritude* universal e atemporal, cujos enunciadores revelam a ilusão da “democracia racial” apregoadá nos estudos de Florestan Fernandes (2008) e demais sociólogos e antropólogos brasileiros. A paratopia denota o “entre-lugar” forjado pela História, pois

*a liminaridade do povo – sua inscrição-dupla como objeto pedagógico e sujeito performativo – demanda um “tempo” de narrativa que é recusado no discurso do historicismo, no qual a narrativa é somente a agência do acontecimento ou o meio de uma continuidade naturalista da Comunidade e da Tradição.*  
(BHABHA, 1998:214)

É essa recusa que também favorece e fortalece o movimento de reação e faz de “*Vencidos e Degenerados*” um discurso testemunhal da negritude.

Há uma espécie de sedimentação na História entre discursos tópicos impostos eurocentricamente e discursos tópicos postos regionalmente. Isso faz com que os sujeitos marginalizados, na busca de romper com o paradoxo medíocre imposto pela sociedade, procurem fontes que (re)construam a identidade cultural. Assim, os discursos das minorias ganham força na atopia e na paratopia como mediação e possível reação contra antinomias.

O valor do exame desse tipo de paratopia está justamente em se embrenhar nessa sedimentação para desvelá-la. A partir da análise do enunciador que representa a voz do marginalizado e daqueles que aceitam seu discurso como válido socialmente é possível verificar a transformação social e o posicionamento reacionário. As relações de poder entre o discurso do dominado e o do dominador historicamente consagradas são evidenciadas, mas a paratopia evidencia as estratégias do *discurso da negritude*, em que o lugar do dizer do negro está presente mesmo quando aparentemente ausente, desconstruindo o discurso eurocentrista sobre a história do negro como se fosse um sujeito passivo.

Diante do exposto, em todos os capítulos deste livro, comprova-se que, na situação comunicativa de “*Vencidos e Degenerados*”, há *um discurso da negritude* que se consolida de forma testemunho-documental por meio de seus enunciadores paratopicamente. O quadro cênico, inserido no discurso literário, comprova a verossimilhan-

ça de experiências recriadas discursivamente de forma a alcançar seus interlocutores (compatriotas, contemporâneos e toda a sociedade) como discurso testemunhal.

Percebemos, assim, que ainda temos um longo percurso de resgate de testemunhos, para que o ensino da cultura negra se dê, de forma coerente, nas escolas, rompendo, assim, com centenas de anos de olhares eurocentristas. Isso significa literalmente (re)construir percursos, conteúdos e metodologias que deem conta desse “entre lugar”, dessa paratopia, que será inerente à descoberta de um Brasil dentro do Brasil.

Para isso, é primordial ter em mente de que o(s) discurso(s) constituinte(s), que legitimam o negro e a africanidade são de outra ordem, na medida em que ultrapassam os limites de compreensão ocidental. Há um discurso da negritude, enquanto movimento natural libertário, reacionário e político; há um discurso da negritude, enquanto movimento literário e artístico que expõe às entranhas de sofrimento, libertação e retorno às origens e há um discurso na negritude social, que grita por direitos que se referem à miscigenação brasileira, aos que se reconhecem negros ou afrodescendentes e também àqueles que tentam se eximir de qualquer herança, seja ela genealógica, genética ou histórica. Todas essas questões são temas à parte que merecem atenção e projetos de pesquisa-ação futuros.

As vitórias dos vencidos e degenerados deram-se em razão do mercantilismo humano, que outrora existiu e que foi responsável pela formação da nação brasileira e de sua miscigenação. Esses fatores geraram as condições sócio-históricas de “Vencidos e Degenerados”, porque os degenerados são, na verdade, regenerados no quadro cênico e na paratopia testemunho-documental.